



***Vianna Moog e seu cotejo
entre Brasil e Estados Unidos***

Fernando de Mello Barreto



resumo

Ao revisitar *Bandeirantes e Pioneiros*, escrito há seis décadas, o texto busca entender a motivação de Vianna Moog, bem como erros e acertos nas suas comparações entre Brasil e Estados Unidos. Detecta no autor gaúcho interesse acentuado pela questão do preconceito racial, tema que sofreria mudanças em ambos os países. Conclui sobre a importância da obra em seu tempo e os desafios para tal comparação ainda hoje.

Palavras-chave: Vianna Moog; Brasil-Estados Unidos; preconceito racial.

abstract

*By revisiting *Bandeirantes and Pioneers*, written six decades ago, this article seeks to understand Vianna Moog's motivation, as well as the errors and correctness in his comparisons between Brazil and the United States. It identifies in the author a heightened interest in racial prejudice, an issue that would undergo changes in both countries. It concludes by addressing the importance of Moog's work at his time and the challenges for that comparison today.*

Keywords: Vianna Moog; Brazil - United States; racial prejudice.

“Como foi possível aos Estados Unidos [...] progresso quase milagroso... quando o nosso país [...] ainda se apresenta [...] apenas como o incerto país do futuro?” (Moog, 1954, p. 9). A essa pergunta Vianna Moog se propôs responder, há seis décadas, em *Bandeirantes e Pioneiros*, obra inovadora que ainda hoje demarca o estudo do tema. Dentre os autores brasileiros do século XX que se interessaram pelo cotejo do Brasil com os Estados Unidos¹, ele foi o único que se atreveu a tratar da questão de forma abarcadora. Qual terá sido sua motivação para essa empreitada precursora e por que teria se sentido credenciado para executá-la?

—

UMA EXPLICAÇÃO BIOGRÁFICA

A biografia de Clodomir Vianna Moog apresenta dados elucidativos da razão para a ambiciosa iniciativa. Gaúcho de São Leopoldo, advogado

1 Lucia Lippi Oliveira (1993, p. 214) inclui, entre estes, Alberto Torres, Oliveira Viana, Azevedo Amaral, Monteiro Lobato e Anísio Teixeira; e Thomas E. Skidmore (1986, p. 71) lista Eduardo Prado, Adolfo Caminha, Gilberto Freyre e Monteiro Lobato.

por formação, funcionário público (agente fiscal) por concurso e colaborador regular da imprensa, tornara-se, em 1938, conhecido pela publicação do romance *Um Rio Imita o Reno*, em que tratara, com muita ousadia para a época, da questão do preconceito racial no Sul do país, algo que sua mãe, descendente de açorianos, teria sentido em relação à família de seu pai, descendente de alemães². Na história, um engenheiro amazonense, com sangue indígena, apaixona-se pela filha de imigrantes teutônicos e encontra a intensa oposição da mãe da jovem, personagem inequivocamente racista. Vianna Moog escreveu o romance ao voltar de uma permanência por dois anos no Norte do país (Amazonas e Piauí), para onde havia sido transferido como punição a seu apoio à Revolução Constitucionalista paulista, contrária ao regime varguista. Sua estreia nesse campo da ficção³, em

2 Paula Cristina Weber (2013, p. 63) cita frase do próprio Vianna Moog, em artigo publicado na *Revista do Instituto Estadual do Livro*, em que ele revela sua “fidelidade à figura” de sua mãe e “resistência a tudo que era germânico”.

3 Escrevera ensaios (*O Ciclo do Ouro Negro*, em 1936, e *Eça de Queiroz e o Século XIX*, em 1938) e uma sátira (*Novas Cartas Persas*, em 1937).

FERNANDO DE MELLO BARRETO é embaixador, exercendo atualmente o cargo de chefe do Escritório de Representação do Ministério das Relações Exteriores em São Paulo. É autor de, entre outros, *A Política Externa Após a Redemocratização* (Funag).

plena ascensão do nazismo na Alemanha e do Estado Novo no Brasil, rendeu-lhe, de um lado, o Prêmio Graça Aranha, de outro, nota de protesto do embaixador germânico do governo de Getúlio Vargas. O próprio autor referiu-se ao episódio nos seguintes termos:

[...] um fato de todo imprevisto veio soprar forte nas velas do meu barco: o protesto da Embaixada alemã junto ao Itamaraty. Sim, por incrível que pareça, o embaixador alemão saiu-se de seus cuidados para reclamar do nosso Governo a imediata apreensão do meu romance, por ofensiva aos brios do III Reich. [...] esse episódio, entre os fatos e circunstâncias relacionados com *Um Rio Imita o Reno*, é positivamente muito do meu agrado. Digo mais: nem o Prêmio Graça Aranha, nem a cobertura da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, nem mesmo, mais tarde, a confiança do meu amigo Marechal Cordeiro de Farias, atribuindo a *Um Rio Imita o Reno* o poder de convencê-lo a promover com Coelho de Souza a nacionalização do ensino no Sul do Brasil, produziram em mim maior satisfação” (Moog apud Santos, 2014, p. 197)⁴.

Um Rio Imita o Reno catapultou assim o jovem Vianna Moog (32 anos) tanto para o centro da cena literária nacional quanto para o campo político contrário ao Eixo. Visto como opositor ao nazismo, em 1942, em meio às diligências diplomáticas americanas para que os países latino-americanos aderissem aos aliados na guerra, a Fundação Guggenheim convidou o autor gaúcho para visitar os Estados Unidos. No período de oito meses em que permaneceu em território americano, começaria, nas palavras de Lippi Oliveira (1993, p. 217), a “germinar o trabalho que só se transformaria em livro dez anos depois”.

Anos mais tarde, Vianna Moog colocou nas palavras de Juvenal Maia, personagem de outro romance, *Uma Jangada para Ulysses*, o dilema do autor que, instado por um amigo, relutava em escrever livro sobre os Estados Unidos:

“Com as suas reportagens sobre a infiltração nazista no Rio Grande do Sul e Santa Catarina o senhor já ajudou muito os Estados Unidos. Pois não é verdade que a Embaixada alemã pediu a censura dessas reportagens, pelo mal que estavam fazendo à Alemanha?” (Moog apud Marson, 2009, pp. 86 e 87).

Mais adiante, o personagem Juvenal Maia, *alter ego* do autor, inclina-se afinal a escrever obra sobre os Estados Unidos. Decidido a atribuir o desenvolvimento americano exclusivamente ao carvão, recebe de outro personagem, o diplomata Ripol, críticas à ideia por não ser “original” e o conselho de estudar as “relações entre capitalismo e protestantismo” (Moog apud Marson, 2009, p. 90).

Os conhecimentos para a redação de *Bandeirantes e Pioneiros* se sedimentariam quando, em 1946, já membro da Academia Brasileira de Letras, o escritor retornou aos Estados Unidos, desta vez como funcionário da Delegacia do Tesouro Brasileiro em Nova York, lá permanecendo até 1950. Dois anos depois, indicado pelo Brasil, foi eleito pelo Conselho Internacional Cultural para representar o Brasil na Comissão de Ação Cultural da Organização dos Estados Americanos, com sede no México, onde residiria por mais de dez anos⁵.

BANDEIRANTES E PIONEIROS

Foi durante esse período mexicano que Vianna Moog escreveu *Bandeirantes e Pioneiros*, em 1954. Para dissecar a pergunta a que se propôs responder, examinou as possíveis causas da diferença no desenvolvimento do Brasil e dos Estados Unidos em capítulos intitulados “Raça e Geografia”, “Ética e Economia”, “Conquista e Colonização”, “Imagem e Símbolo”, “Fé e Império” e “Sinais dos Tempos”.

Raça e Geografia

Dado seu conhecido interesse pela questão, não terá sido por casualidade que Vianna

4 Com base em prefácio de Vianna Moog à sexta edição do romance, em 1966.

5 Ver biografia de Vianna Moog disponível no portal da Academia Brasileira de Letras.

Moog tratou, logo no início de seu primeiro capítulo, da composição étnica dos americanos em comparação à dos brasileiros. De forma talhante, denunciou as ideias sobre superioridade racial manifestadas por Gobineau, Houston Stewart Chamberlain e Gustave Le Bon, contrapondo-as às de Gilberto Freyre, Roquette Pinto, Artur Ramos e Gilberto Amado (Moog, 1954, p. 17)⁶. Embora reconhecendo a existência de discriminação e segregação racial nos Estados Unidos, asseverou:

“[...] o racismo americano vai perdendo terreno dia a dia. [...] a segregação já não se mantém na base doutrinária da superioridade racial do branco [...] os livros pró-discriminação não encontram editor e vão constituindo raridade, a bibliografia contrária é torrencial. A verdade é que o racismo americano perdeu a batalha doutrinária e sabe que a perdeu. O resto é uma questão de tempo” (p. 24).

Nesse tópico, o autor acertou nas suas antevistas de que o racismo americano diminuiria em relação ao que havia na década de 1950, eliminando-se a segregação. Observou, aliás, em nota de pé de página, que no ano de publicação de sua obra, a Suprema Corte americana decidira ser inconstitucional a segregação racial nas escolas públicas, abrindo o caminho para os chamados direitos civis promovidos na década seguinte. Em seu otimismo, não chegou Vianna Moog a prever, no entanto, como Monteiro Lobato o fez no livro *O Presidente Negro*, publicado em 1926, a eleição de alguém como Barack Obama, ainda que o escritor paulista tenha previsto que tal fato ocorreria somente em 2228.

Moog não previu tampouco o aumento da miscigenação nos Estados Unidos e, portanto, as mudanças de atitudes e de políticas decorrentes dessa nova realidade. De acordo com o Censo americano, entre 2000 e 2010, o número de americanos birraciais (negros e brancos) duplicou e a população adulta de origem branca e asiática aumentou 87%. A proporção de bebês multirraciais

subiu de 1% em 1970 para 10% em 2013⁷. As consequências desse novo fenômeno começam a ser analisadas. Alguns estudos reconhecem a crescente multiracialidade americana (Masuoka, 2008) e discutem possíveis alterações a “políticas raciais” (Campbell & Herman, 2010), tais como a revisão de classificação de pessoas segundo etnias (Waters, 2008).

No tocante ao Brasil, o escritor gaúcho fez afirmação – corrente no seu tempo, mas hoje questionada – de que neste quase inexisteriam problemas raciais intransponíveis:

“[...] se nos perguntassem qual o aspecto mais alto, mais edificante e significativo da civilização brasileira, não teríamos a menor dúvida em indicar a quase inexistência de problemas raciais intransponíveis. Não que estes de todo não existam” (p. 47).

Na mesma linha de raciocínio, concluiu que “[...] o problema racial no Brasil, dissolvido no social, pode considerar-se, se não resolvido, a caminho de solução. [...] Somos em conjunto contra qualquer preconceito de raça” (p. 48). Thomas Skidmore (2003, p. 1.392) se referiria a esse pensamento como comum na década de 1950, tanto entre americanos quanto brasileiros, que acreditavam ter o Brasil “resolvido seu problema racial”.

Embora com desacertos nas previsões, fez bem Vianna Moog em comparar os dois países do ponto de vista de etnia, uma vez que ambos compartilham diversidade étnica, fenômeno ausente, no mesmo grau, em muitos países. Em ambos os casos essa heterogeneidade advém da presença em seus respectivos territórios de descendentes de indígenas, europeus, africanos e asiáticos, como se percebe no Quadro 1 (no qual é mostrada a atual heterogeneidade racial no Brasil e nos Estados Unidos) e no Quadro 2 (em que se vê – de uma lista de 158 países da qual foram selecionados 25 para amostragem – a proximidade entre Brasil e Estados Unidos em índice mundial de fracionalização étnica).

6 Daqui em diante, para as citações de *Bandeirantes e Pioneiros*, serão indicadas apenas as páginas.

7 Disponível em: <http://www.pewsocialtrends.org/2015/06/11/multiracial-in-america>. Acesso em: 27/10/2016.

QUADRO 1

Raça/Origem

	Estados Unidos ⁸	Brasil ⁹
Branços	77,1%	47,7%
Hispânicos ou latinos	17,6%	
Negros	13,3%	7,6%
Multirraciais	2,6%	43,1%
Asiáticos	5,6%	1,1%
Ameríndios	1,9% (inclusive nativos do Alasca – 1,5% e nativos do Havaí e de Ilhas do Pacífico – 0,2%)	0,4%

QUADRO 2

Fracionalização étnica

158	Coreia do Sul	0.004
157	Japão	0.012
155	Itália	0.040
153	Polônia	0.047
151	Países Baixos	0.077
148	Alemanha	0.095
140	Austrália	0.149
138	China	0.154
136	Egito	0.164
128	Suécia	0.189
126	Cuba	0.213
124	Bangladesh	0.223
120	Argentina	0.255
117	França	0.272
106	Rússia	0.333
109	Reino Unido	0.324
88	Venezuela	0.483
85	Estados Unidos	0.491
71	México	0.542
70	Brasil	0.549
60	Canadá	0.596
51	Peru	0.638
47	Colômbia	0.656
24	Indonésia	0.766
17	Índia	0.811

8 Fonte: U.S. Census Bureau, 2015

9 Fonte: IBGE, 2010

Na segunda parte do capítulo, o autor de São Leopoldo expõe suas ideias sobre as condições geográficas brasileiras adversas ao desenvolvimento, tais como cursos de rios que se dirigem para a costa e não para o interior; terrenos elevados junto ao litoral (Serra do Mar). Compara essas condições com as dos Estados Unidos, em que os rios facilitaram o acesso ao interior e as montanhas apalachianas distam da costa. Embora não se questionem as desvantagens descritas por Vianna Moog, é de se notar que teorias recentes tratam da resiliência de países que se desenvolveram diante de geografia adversa¹⁰ ou da primazia de instituições sobre a geografia para que os países se desenvolvam¹¹.

Ética e Economia

No capítulo sobre “Ética e Economia”, Vianna Moog examinou a influência de Auguste Comte no Brasil, citou Max Weber e R. H. Tawney, no tocante a religião e capitalismo (p. 70) e comparou, *inter alia*, a influência de Locke nos Estados Unidos à de Santo Tomás de Aquino no Brasil, para quem “o Estado ideal era o que tivesse menos necessidade de negociantes” e o lucro era visto como algo imoral (*torpe lucrum*) (p. 79). Examinou as alegadas incompatibilidades entre catolicismo e capitalismo (p. 87) e, mais especialmente, entre católicos e calvinistas em relação ao lucro (p. 89).

Embora tenha anunciado o capítulo como referente à ética e à economia, Vianna Moog nele não fugiu de seu tema preferido, a questão racial. Remontou ao século VII em Portugal para explicar a tolerância racial dos portugueses decorrente do convívio com os mouros (p. 96). Contrastou essa situação com a da Grã-Bretanha, que “não conheceu [...] como a Península Ibérica, a conquista e a ocupação de povos de pigmento mais escuro” (p. 98). Concluiu, em certo ponto, que “a desaprovação nos Estados Unidos ao cruzamento racial não é biológica; quando muito será religiosa e social” (p. 105).

10 Ver, por exemplo, Pyke, Dawley & Tomaney (2010).

11 Ver, por exemplo, Rodrik, Subramanian & Trebbi (2004, pp. 131-65).

Contrastou-a com a situação dos “padres amancebados” no Brasil, onde prevalecia o princípio de *ultra equinoxialem non peccavit* (p. 110).

Retomando a questão da ética e da economia, concluiu, noutro ponto, relativo ao Brasil, que “católico, como capitalista, só pode ser católico pela metade [...] será sempre um capitalista canhestro” (p. 114). Com relação aos Estados Unidos, afirmou: “Com os calvinistas que vieram a ter aos Estados Unidos não houve maiores dramas de consciência por motivos econômicos” (p. 118). Indagou se devemos “considerar [...] a circunstância de haver sido o Brasil conquistado por um povo mediterrâneo, católico, barroco e latino, e os Estados Unidos por um povo nórdico, anglo-saxão e protestante, como coisas absolutamente indiferentes ao processo de acumulação de riqueza em progressão geométrica nos Estados Unidos e apenas em progressão aritmética no Brasil?”. Argumentou, finalmente, que “não há senão recorrer à história [...] para o equacionamento do problema”.

Talvez seja nessa última frase que resida a fragilidade da defesa que faz Vianna Moog de sua análise, de certa forma, determinista, para a questão do desenvolvimento brasileiro comparado ao americano. Tal como no caso de sua análise da questão racial, o bravo autor não contava com o dinamismo das sociedades, seja pela disseminação de doutrinas novas, pela modificação da religiosidade em cada país ou ainda pela globalização da economia.

Bom exemplo dessa mutabilidade cultural é a religião. Vianna Moog dificilmente poderia prever o declínio proporcional do protestantismo nos Estados Unidos (Pew Research Center, 2015) e o aumento deste no Brasil (Pew Research Center, 2014). Na década de 1950, quando *Bandeirantes e Pioneiros* foi lançado, quase 94% dos brasileiros se identificavam como católicos, mas, entre as décadas de 1980 e 2000, esse percentual caiu para 74% (Pew Research Center, 2011). Nos Estados Unidos, os protestantes correspondiam a 66% do total em 1950; mas, em 2015, esse percentual havia caído para 38%¹², ou seja, pouco acima dos 22% que se declaram protestantes no Brasil. Em outras palavras, a atribuição do protestantismo como possível

12 Ver: <http://www.gallup.com/poll/1690/religion.aspx>.

causa de diferenças no processo de desenvolvimento terá tido valor para análise do passado, mas menos interesse para a previsão do futuro.

Conquista e Colonização

Vianna Moog iniciou o capítulo intitulado “Conquista e Colonização” com a afirmação de que o nível de instrução e alfabetização dos primeiros povoadores dos Estados Unidos era bem mais elevado que o dos portugueses que se dirigiram inicialmente ao Brasil. Associou esse desnível ao fato de serem os pioneiros americanos protestantes e “por definição alfabetizados” para poder ler a *Bíblia* (p. 127). Atribuiu esse fator à falta de documentação histórica brasileira, o que impede de se saber se “o Brasil foi descoberto por acaso ou de propósito”, contrastando essa situação com a da história americana, sobre cujos primórdios não haveria dúvida. Expressa a ideia de que a motivação portuguesa no Brasil teria “sentido predatório, extrativista e quase só secundariamente religioso”, enquanto que a inglesa nos Estados Unidos teria “sentido inicialmente espiritual, orgânico e construtivo” (p. 129).

A partir desse ponto, o autor passa a desenvolver exemplos históricos do espírito conquistador dos portugueses no Brasil e colonizador dos ingleses nos Estados Unidos (p. 130). Dessa premissa parte para uma análise do caráter do brasileiro, consistente

“[...] na ausência de determinação e satisfação de ser brasileiro, na ausência de gosto por qualquer tipo de atividade orgânica, na carência de iniciativa e criatividade, na falta de crença na possibilidade de aperfeiçoamento moral do homem, descaso por tudo quanto não fosse fortuna rápida e, sobretudo, na falta de um ideal coletivo, na quase total ausência de sentimento de pertencer o indivíduo ao lugar e à comunidade em que vivia” (p. 150).

Contrasta esse caráter ao do americano, que, dotado da “capacidade de adaptar-se, própria daqueles que emigram com o ânimo de permanecer, [...] trabalha e inventa, adapta e aperfeiçoa, cria com o bom existente o bom que nunca existiu”

(p. 161). Conclui o capítulo com a afirmação de que, “a não ser que uma mudança fundamental de rumos venha a ocorrer no desdobramento das duas histórias e novos símbolos e novas imagens substituam as antigas”, as diferenças entre os dois países se acentuariam ainda mais (p. 190).

Permanecessem estáticas as características culturais brasileiras, tais como percebidas por Vianna Moog, as perspectivas de progresso no Brasil estariam, portanto, limitadas. Felizmente, dados recentes revelam que mudanças culturais ocorrem em prazos mais curtos do que os anteriormente imaginados. Assim, por exemplo, a World Value Survey (WVS) publica periodicamente mapas da dinâmica cultural no tempo e no espaço. Os cientistas políticos Ronald Inglehart e Christian Welzel analisaram dados da WVS e classificaram as dimensões mais relevantes na variação cultural dos países pesquisados. Os dados do mapa Inglehart-Welzel de 2015 mostram que tanto o Brasil quanto os Estados Unidos, em graus diferentes, mas no mesmo sentido, têm apresentado evolução de seus valores tradicionais¹³. Outro exemplo da mudança de valores culturais é o resultado da classificação dos países em índice de globalização. Segundo os professores Axel Dreher e Egbert Sturm, seus idealizadores, os resultados sugerem que uma das consequências da globalização (para o bem ou para o mal) é uma “erosão de culturas nacionais”¹⁴.

Imagem e Símbolo

Sob o título “Imagem e Símbolo”, Vianna Moog dá continuidade a seu argumento de que há uma “resistência do indivíduo a modificar suas categorias mentais em meio da vida e a substituir os símbolos que lhe são caros, ainda que reconheça a conveniência da mudança”. Refere-se à “persistência, através das idades, das imagens idealizadas fundamentais no processo de elaboração das culturas”. Trata do que chama de imagens magnificadas como símbolos inarredáveis e indestrutíveis. Reco-

13 Ver: <http://www.worldvaluessurvey.org/WVSContents.jsp>.

14 Ver: <http://www.statista.com/statistics/268168/globalization-index-by-country>.

nhece, no entanto, o surgimento de “movimentos sociais tendentes a substituir essas imagens” por outras “mais consentâneas com os novos tempos”. Conclui, no entanto, que as imagens continuam a vigorar (p. 193). Alega que, “uma vez idealizada uma imagem e convertida em símbolo, será muito difícil deslocá-la ou substituí-la” (p. 237).

Apesar desse aparente pessimismo quanto a mudanças, Vianna Moog volta a indagar: “Algo a fazer em relação a tudo isso?”. E responde, com confiança: “Claro que sim, e muito. Para tanto, porém, e para começar do princípio, é necessário não apenas preservar o passado e a tradição, mas reagir contra a tradição e o passado, a falsa tradição e o falso passado; não apenas sofrer passivamente a nossa história, como até agora temos sofrido, mas fazer história, deliberadamente, como até agora não fizemos” (p. 249). Lista, a seguir, reformas necessárias para o Brasil (econômica, financeira e constitucional) e declara que, “sem a reforma dos espíritos, sem reagir contra o passado, sem um exame de consciência nacional, um grande exame coletivo de consciência [...] continuaremos a ser o que somos” (p. 250).

Nesse ponto, Vianna Moog receita uma fórmula para o Brasil vir a ter o progresso dos Estados Unidos: mudar de “espírito” coletivo. Esclarece que isso não significaria “rejeitar ou renegar englobadamente o nosso passado, para transplantar fórmulas alheias”, mas “reexaminar o passado e reinterpretá-lo à luz dos valores e conhecimentos do nosso tempo”. Em outras palavras, propõe não uma modificação imediata de comportamento (solução behaviorista), mas uma análise coletiva freudiana de conhecimento do passado, que redundaria na aceitação deste como condição prévia para um *aggiornamento* brasileiro ao mundo moderno representado pelos Estados Unidos.

Fé e Império

Examina Vianna Moog, a seguir, o sucedido com a imagem do pioneiro nos Estados Unidos e com a do bandeirante no Brasil. Resume a primeira como “a *Bíblia*, o rompimento com o passado, o espírito associativo, a discriminação racial, primeiro o puritanismo temperado com a crença no aperfeiçoamento moral do homem e da humani-

dade”. Descreve a imagem do bandeirante como “o desejo de riqueza rápida, o apego ao passado, a indiscriminação racial, o individualismo exacerbado, o preconceito contra o trabalho orgânico, a vitória do material sobre o moral e o espiritual nos triunfos do Império sobre a Fé” (p. 253). Ao final da comparação dos traços resumidos acima, o escritor se pergunta: “Mas, se até agora foi mais ou menos assim, como será daqui para o futuro? Quais serão os sinais dos tempos?” (p. 302).

Sinais dos Tempos

Vianna Moog inicia o capítulo final com a afirmação de que “nem tudo são dessemelhanças e contrastes entre Brasil e Estados Unidos”. Psicanaliticamente, distingue, como traço comum de ambos os países, a imaturidade, por ele definida como desajustamento emocional ou falta de adaptação adequada à vida e à realidade.

No caso do Brasil, afirma que as “neuroses” nacionais nascem sobretudo da maneira como se processou no Brasil a “indiscriminação racial”. Refere-se às “terríveis condições morais do cruzamento racial no Brasil” e declara que “não há de ser em apenas duas ou três gerações, ou mesmo em dez, que vão se eliminar as consequências de moléstias sociais, como a escravatura e a promiscuidade” (p. 312). Em segundo lugar, assinala “a coíça resultante da procura da riqueza rápida, com o desprezo das virtudes econômicas”. Em terceiro lugar, indica como “fonte de nossos desajustamentos: o relegamento da religião a segundo plano”. Cita, nesse caso, Jung, para quem o “afastamento da religião original” estaria “na raiz de todas as neuroses” (p. 313). Em seguida, trata do “apego exagerado ao passado”. Volta nesse ponto, como faz a todo momento, à questão racial e pergunta: “Terá mesmo fundo biológico e racial a chamada preguiça brasileira?”. Responde que esta adviria do clima quente e da subalimentação, mas também, e sobretudo, da “prevenção emocional contra determinados tipos de atividade” (p. 312).

No tocante aos americanos, em sua análise de psicologia social, Vianna Moog apresenta como prova de igual desajuste a “fenomenal” procura e aceitação dos livros que tratam do problema das relações emocionais do indivíduo

com a realidade (p. 309). Atribui as neuroses americanas às “linhas mestras de sua formação – discriminação racial, rompimento com o passado, puritanismo e, logo em seguida, a crença na bondade essencial do homem e da humanidade, e a dignificação extrema do trabalho como meio e como fim” (pp. 316-7). Depois de analisar separadamente cada um desses elementos, conclui serem esses os “ingredientes históricos” do desajuste americano (p. 320).

Aponta, a seguir, para o que vê como uma “grande diferença” entre os dois países: o agravamento do desajustamento dos Estados Unidos depois da Primeira Guerra Mundial e a redução desse sintoma entre os brasileiros. Afirma que isso estaria ocorrendo porque “as duas grandes forças motrizes da civilização americana – capitalismo e protestantismo” estavam “longe de prover-lhe as fortes inspirações que presidem aos comportamentos sociais estáveis”. Ambos, na sua opinião, estariam em crise (p. 329). Enquanto isso, ao contrário, no Brasil, “com o movimento modernista alguma coisa mudou”. Os brasileiros teriam passado a se aceitar como são (p. 327). Estariam assimilando seu passado indígena e africano (p. 330). Afirma que os “desajustamentos provenientes do desamor ao trabalho” estariam mudando graças à imigração europeia para o Sul do país (p. 333).

O escritor termina o capítulo com a proposta de que americanos e brasileiros, em vez de saírem em busca do túmulo de seus personagens de ficção, deveriam empreender uma jornada ao longo de suas histórias e encontrar símbolos que fossem capazes de inspirá-los na retificação das linhas mestras de suas respectivas culturas (p. 367).

Epílogo

Vianna Moog dedica a maior parte de seu epílogo às biografias de Lincoln e de Aleijadinho. Afirma que as romarias de americanos e brasileiros aos locais em que estes viveram “terão um sentido de aprendizado e de identificação” com as almas desses personagens e “têm um sentido cada vez maior de procura e reconhecimento de santidade no tipo de heroísmo por ambos realizado”. Termina o texto com uma citação de Machado de Assis: “Os tempos serão retificados. O mal acabará [...]” (p. 404).

Repercussão

Qual foi a repercussão de *Bandeirantes e Pioneiros*?

Logo quando de sua publicação, o historiador Hélio Vianna apresentou resenha do livro em que elogiou as fontes americanas usadas por Moog, mas, “encontrando-se ausente de sua terra natal, longe de essenciais fontes de consulta, incidiu em vários pequenos enganos de história do Brasil que de outro modo teria certamente evitado” (Vianna, 1956, pp. 180-1). Em sua resenha sobre *Bandeirantes e Pioneiros*, E. Bradford Burns (1964) considerou a obra mais bem organizada e superior às de Oliveira Lima e Hélio Lobo, que também trataram de comparar o desenvolvimento do Brasil e dos Estados Unidos.

Outros autores apresentaram visões opostas sobre o livro. Maxine Margolis (1972, p. 6) viu na obra explicações religiosas (catolicismo, tradição moura e ética protestante) e não econômicas e ecológicas para as diferenças de desenvolvimento entre os dois países. Já para Jessé Souza (1998), “o atraso brasileiro é explicado [por Vianna Moog] tanto pelos fatores geográficos quanto por fatores ético-religiosos”.

Aguilar Filho e Dutra Fonseca (2011) incluem Vianna Moog, com Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro, entre os intérpretes do Brasil de reconhecida orientação weberiana. De fato, tanto Buarque de Holanda quanto Faoro demonstraram certo pessimismo semelhante a trechos da obra de Moog. Assim, por exemplo, Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, afirmou que a mentalidade ibérica se tornara o maior obstáculo para o espírito de organização espontânea, tão característica de povos protestantes, especialmente calvinistas (Buarque de Holanda, 2012).

O recentemente falecido brasilianista Thomas Skidmore chamou *Bandeirantes e Pioneiros* de “o trabalho mais sistemático sobre o significado dos Estados Unidos para o Brasil”. Afirma ser Vianna Moog o único escritor relevante sobre o tema no período 1920-1945 (Skidmore, 1986, p. 71). Criticou, no entanto, Moog por ter reduzido seu argumento “ao conceito sedutor, mas difícil, do caráter nacional” (Skidmore, 1986, p. 78). Teria, assim, errado o alvo: “[...] não foi o caráter nacional que levou os Estados Unidos à superioridade

econômica, mas a aplicação capitalista de espírito pioneiro” (Skidmore, 1986, p. 81). Isso não impediu o brasileiro de traduzir a obra para o inglês, embora já existisse uma tradução. Indeferida a publicação por um editor, Skidmore desistiu da iniciativa. Anos mais tarde, ao escrever sobre Moog, informou ter com ele se encontrado uma única vez, tendo ambos, nas suas palavras, tratado um ao outro com civilidade, dando assim a entender que teriam alguma disputa intelectual (Skidmore, s. d.).

CONCLUSÃO

Pouco se poderia acrescentar às análises já feitas de *Bandeirantes e Pioneiros*. Há que se

concordar sobre sua importância no momento em que foi publicado e mesmo nos anos que se seguiram. Poderiam ser criticados seus erros na previsão da evolução do que ocorreria nos dois países. É preciso, no entanto, ter em conta que Vianna Moog não dispunha de dados, teorias e elementos de que hoje dispõem diversas disciplinas, sejam estas a ciência política, a economia ou a sociologia. Ainda que estas tenham avançado, hoje seria igualmente audacioso encetar empreitada tão ampla como a que se propôs o gaúcho nascido em 1906. Com populações respectivas de 327 milhões e 206 milhões de habitantes, ocupando vastos territórios, Estados Unidos e Brasil não podem facilmente ser cotejados sem incorrer em generalizações equivocadas.

BIBLIOGRAFIA

- AGUILAR FILHO, Hélio Afonso de; FONSECA, Pedro Cezar Dutra. “Instituições e Cooperação Social em Douglass North e nos Intérpretes Weberianos do Atraso Brasileiro”, in *Estudos Econômicos*, v. 41, n. 3. São Paulo, jul.-set./2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-41612011000300003&script=sci_arttext&tlng=es.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Roots of Brazil*. Translated G. Harvey Summ. Notre Dame, Indiana, University of Notre Dame Press, 2012.
- BURNS, E. Bradford. “Bandeirantes and Pioneers. By Vianna Moog”, in *The Americas*, v. 21, Issue 1, 1964. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/americas/article/bandeirantes-and-pioneers-by-moog-vianna-new-york-george-braziller-1964-pp-316-695/C4DC6180259A48A3DCC966932D086360>.
- CAMPBELL, Mary E.; HERMAN, Melissa R. “Politics and Policies: Attitudes Toward Multiracial Americans”, in *Ethnic and Racial Studies*, v. 33, n. 9, October 2010, pp. 1.511-36.
- IBGE. *População Residente, por Cor ou Raça, Segundo o Sexo e os Grupos de Idade - Brasil – 2010*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/english/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/tabelas_pdf/tab3.pdf.
- MARGOLIS, Maxine. “The Coffee Cycle on the Paraná Frontier”, in *Luso-Brazilian Review*, v. 9, n.1, Summer, 1972.

- MARSON, Ana Maria Rodrigues. *Vianna Moog, Ensaísta e Ficcionalista – Cotejo entre suas Concepções e suas Práticas Narrativas*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- MASUOKA, Natalie. "Political Attitudes and Ideologies of Multiracial Americans: The Implications of Mixed Race in the United States", in *Political Research Quarterly*, v. 61, n. 2, Jun, 2008, pp. 253-267.
- MOOG, Clodomir Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros. Paralelo entre Duas Culturas*, 4ª ed. Porto Alegre, Editora Globo, 1954.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. "Bandeirantes e Pioneiros. As Fronteiras no Brasil e nos Estados Unidos", in *Novos Estudos*, n. 37, 1993.
- PEW RESEARCH CENTER. *America's Changing Religious Landscape: Christians Decline Sharply as Share of Population; Unaffiliated and Other Faiths Continue to Grow*, Pew Research Center's Forum on Religion & Public Life, May 12, 2015. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2015/05/12/americas-changing-religious-landscape>.
- _____. *Regional Distribution of Christians*, Pew Research Center, December 19, 2011. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2011/12/19/global-christianity-regions>.
- _____. *Religion in Latin America: Widespread Change in a Historically Catholic Region*, Pew Research Center's Forum on Religion & Public Life, Nov. 13, 2014. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2014/11/13/religion-in-latin-america>.
- PYKE, Andy; DAWLEY, Stuart; TOMANEY, John. "Resilience, Adaptation and Adaptability", in *Cambridge J Regions Econ. Soc.*, February 4, 2010.
- RODRIG, Dani; SUBRAMANIAN, Arvind; TREBBI, Francesco. "Institutions Rule: The Primacy of Institutions Over Geography and Integration in Economic Development", in *Journal of Economic Growth*, v. 9, June 2004, pp. 131-65.
- SANTOS, Rodrigo Luís dos. "Clodomir Vianna Moog e a Não Integração do Grupo Étnico Alemão no Brasil Estadonovista: Uma Análise a partir da Construção do Romance *Um Rio Imita o Reno*", in *História Unicamp*, v. 1, n. 2, jul./dez. de 2014.
- SKIDMORE, Thomas E. "Clodomir Vianna Moog (1906-1988)", in Brown University Library Collections, s. d. Disponível em: <http://library.brown.edu/collections/skidmore/portraits/clodomirVianaMoog.html>.
- _____. "Brazil's American Illusion: From Dom Pedro II to the Coup of 1964", in *Luso-Brazilian Review*, v. 23, n. 2, 1986, pp. 71-84.
- _____. "Racial Mixture and Affirmative Action: The Cases of Brazil and the United States", in *The American Historical Review*, v. 108, n. 5, December 2003.
- SOUZA, Jessé. "A Ética Protestante e a Ideologia do Atraso Brasileiro", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 38. São Paulo, out./1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300006&script=sci_arttext.
- U.S. CENSUS BUREAU. *Quick Facts*. United States Census Bureau, 2015. Disponível em: <https://www.census.gov/quickfacts/table/PST045215/00>. Acesso em: 2/7/2016.
- VIANNA, Hélio. "Bandeirantes e Pioneiros. Paralelo entre Duas Culturas by Clodomir Vianna Moog", in *Revista de Historia de América*, n. 41, jun./ 1956.
- WATERS, Mary C.. "Counting and Classifying by Race: The American Debate", in *The Tocqueville Review*, v. XXIX, n. 1, 2008.
- WEBER, Paula Cristina. *Representações da Integração Cultural das Comunidades de Origem Alemã no Rio Grande do Sul no Estado Novo: Um Estudo das Obras Um Rio Imita o Reno e Longe do Reno*. Dissertação de mestrado. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 2013.